

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
13 de abril de 2023

SOMBRAS BRANCAS / 2023

um filme de Fernando Vendrell

Realização: Fernando Vendrell / **Argumento:** Rui Cardoso Martins e Fernando Vendrell / **Música:** Eduardo Raon / **Imagem:** Hugo Azevedo / **Som:** Tiago Raposinho / **Montagem:** João Braz / **Misturas:** Tiago Matos / **Direção de Arte:** Bruno Duarte / **Figurinos:** Patrícia Doria / **Maquilhagem:** Márcia Lourenço / **Cabelos:** Miguel Teixeira / **Assistente de Realização:** Ângela Sequeira / **Elenco:** Rui Morrison (José Cardoso Pires), Natália Luiza (Edite), Rafael Gomes (José Cardoso Pires em jovem), Ana Lopes (Edite em jovem), Raquel Rocha Vieira (Ana Cardoso Pires), Iris Cayatte (Rita Cardoso Pires), Luís Mascarenhas (Martinho), Soraia Chaves (Médica / Senhora Capeline), Rui Luís Brás (Prof. João / Polícia 1500), Maria João Bastos (Alexandra Alpha), Rogério Samora (Artur Semedo), Margarida Moreira (Lena / Sophia), Inês Sá Frias (Mariana), Gonçalo Waddington (Capitão), António Fonseca (Major Santos).

Diretor de Produção: Bruno Martins / **Produção Executiva:** Ana Figueira / **Produção:** Fernando Vendrell e Luís Alvarães (David & Golias) / **Cópia:** DCP, cor, 114 minutos / Ante-Estrelia.

Com a presença de Fernando Vendrell

Estávamos nos anos 80, estudava fotografia na Sociedade Nacional de Belas Artes e um dia atravessei a rua e comecei a ver alguns filmes na sala Félix Ribeiro da Cinemateca Portuguesa. Precisamente nesta sala, ou talvez noutra destruída pelo infernal nitrato, fui confrontado com um cinema que desconhecia na sua quase totalidade – o cinema português – aqui assisti à sessão inaugural do filme “Trás-os-Montes” na presença dos seus autores, de Margarida Cordeiro e de António Reis, seguida de debate. Foi nesta sala de cinema que se iniciou uma conjugação inexplicável, aqui assisti aos filmes que povoaram a minha imaginação, participei em ciclos e debates até a um ponto em que posso assegurar que este lugar, esta sala, mudou o rumo da minha vida.

Escrever uma folha de sala na apresentação do meu filme “Sombras Brancas” nesta sala não é coisa pouca. É quase como expressar em poucas linhas o amor que eu sinto pela minha profissão, pelo cinema.

Nesta sessão, evoco o escritor José Cardoso Pires, do seu dizer e escrever, um artesão das letras com nervo tenso, que sempre procurou o detalhe esculpindo até ao osso primordial da língua portuguesa. Um homem simples, um intelectual rigoroso, capaz de contar fabulosas histórias indescritíveis e de retratar o bas-fond de Lisboa, transformando a vil escória humana no mais perfeito diamante literário.

Li no momento da sua primeira edição, “De Profundis - Valsa Lenta” é uma obra única do ponto de vista literário e humano e nela reparto com o escritor a obsessão da memória e da sua importância como evidência do humano.

A afetação das capacidades cognitivas do autor através de um acidente vascular cerebral isquémico, localizado no seu lobo da linguagem e da comunicação, ficou reportada numa obra literária ímpar com laivos biográficos. Ao lermos este livro, somos cúmplices de um “ato médico” que surpreende a ciência e questiona filosoficamente a existência humana, confrontando-a com o surreal.

Em 2012, perante a crescente fragilização da memória dos meus pais, esta adaptação cinematográfica começou a tomar forma e tornou-se uma obsessão pessoal.

Pareceu-me ser este um tema extraordinário para um filme.

A obra de José Cardoso Pires foi escarpada e elencada para a escrita de um argumento cinematográfico, por mim e pelo coargumentista Rui Cardoso Martins. A sua família respondeu diligentemente às nossas perguntas, trazendo outros contextos e também novas questões para o projeto que estávamos a constituir.

Filmado no pico da segunda vaga pandémica, entre novembro e dezembro de 2020, e montado durante os confinamentos, este filme foi também uma experiência limite em que eu, o elenco e a equipa técnica nos confrontámos com a enorme fragilidade humana. Estávamos a filmar num hospital, num momento em que os serviços de saúde já não comportavam o número de doentes afetados e em que milhares de pessoas não sobreviviam.

Fomos forçados a isolarmo-nos para sobreviver.

O filme surgiu também deste contexto, através desta evidência implacável. É hoje enorme a gratidão que sinto por todos os que em mim confiaram, que arriscaram e que contribuíram para o surgimento inesperado desta obra.

“Sombras Brancas” assemelha-se a uma alegoria biográfica de José Cardoso Pires, mas é também um filme que reporta a experiência de ser e de viver hoje, um gesto que ambiciona a alegria.

Agora, projetado em sala de cinema, parece haver pouco a acrescentar.

A sala de cinema é para mim, apesar da agregação social, um espaço solitário e criativo onde o espectador contemporiza a sua memória com impressões e vivências quase inexplicáveis. Também o cinema que realizo plasma sensações e emoções por mim vividas e remete dúvidas e questões que procuram respostas.

Falo de “Sombras Brancas”, também como a minha secreta homenagem ao cinema, ao grande ecrã, branco preñado de imaginação, flutuando num local escuro e sombrio, um espaço onde os nossos sentidos se iluminam através de um rasgo de luz intenso, provocando a turbulência dos nossos pensamentos, a inquietação, a emoção, tristeza, alegria e amor.

Boa sessão!

Fernando Vendrell